

BROSETA

PERGUNTA



MIGUEL FRANCO DE SOUSA

Presidente da Federação Portuguesa de Golfe (FPG)

 **BROSETA**

BROSETA - PORTUGAL,
SOCIEDADE DE ADVOGADOS, SP, RL

Tendo em conta todas as limitações e restrições criadas pelas medidas de combate contra o novo coronavírus, e destacando o facto de que o Turismo português foi especialmente afetado pela pandemia, é fácil perceber que o golfe nacional lidou com enormes dificuldades nos últimos dois anos: quais os grandes desafios que o setor teve de enfrentar durante esse período?

As medidas de combate ao vírus que foram então implementadas afectaram de forma significativa o sector do golfe nas suas duas vertentes – a turística e a da modalidade desportiva. No que ao desporto diz respeito houve uma privação da prática de uma modalidade desportiva praticada ao ar livre e que obriga ao distanciamento social, algo que condenámos, em seu tempo, por se considerar uma medida desajustada ao real factor de risco. Dezenas de milhares de praticantes viram-se obrigados a estar confinados ao espaço residencial, o que veio a ter um impacto muito significativo na saúde física e mental dos cidadãos.

Do ponto de vista turístico o impacto foi ainda mais significativo, pois os períodos de confinamento e restrição de voos coincidiram com a época alta do golfe e isso afastou centenas de milhares de turistas que nos visitam com o propósito de jogar golfe, em particular no Algarve. Deste ponto de vista, as medidas de apoio do Governo foram fundamentais para mitigar os impactos decorrentes da pandemia, ainda que insuficientes para cobrir todos os “estragos”.

Importa agora olhar para a retoma e desenvolver medidas de apoio às empresas do sector, em particular através da revisão do IVA aplicado ao golfe (23%), que tem contribuído para a menor competitividade de Portugal face aos nossos principais concorrentes que têm, na larga maioria, taxas de IVA inferiores à de Portugal.

Importa referir que o golfe tem um impacto directo e indirecto na economia portuguesa na ordem dos dois mil milhões de euros e representa cerca de 16.000 postos de trabalho.

Com a evolução da pandemia para uma situação endémica e o correspondente, mas gradual, regresso a alguma normalidade nas nossas vidas, que perspetivas há para o golfe português para 2022? Quais as grandes prioridades da FPG para a recuperação do setor nos próximos meses?

Dadas as condições de prática do golfe, verificamos um grande interesse na modalidade nos últimos dois anos, tendo-se notado um aumento do número de praticantes nacionais, estando, por isso, bastante optimista com o futuro a curto prazo, caso não venhamos a verificar situações anómalas que possam impactar a vida dos cidadãos, tal como, por exemplo, o agravamento da guerra na Ucrânia.



Sabemos ser uma modalidade desportiva que carrega alguns estigmas e preconceitos – que são infundados e não têm razão de ser – e por forma a combater essa percepção por parte da população iremos realizar um investimento significativo na comunicação e publicidade do golfe como uma modalidade acessível a todos, divertida e saudável. A Federação Portuguesa de Golfe vai apostar numa comunicação muito diferente do que é habitual neste meio.

Em termos turísticos, o último trimestre de 2021 registou voltas de golfe ao nível de 2019, com uma procura muito elevada, o que faz antever um 2022 promissor, tal como se pode já verificar nas reservas registadas até ao final de Outubro do corrente ano.

Sendo um desporto praticado quase que exclusivamente ao ar livre, sempre em íntima relação com a natureza, a questão das alterações climáticas e dos grandes desafios 'verdes' são especialmente importantes para o golfe: que papel pode e deve ter o golfe, enquanto setor económico, na defesa do ambiente e na promoção de um futuro mais sustentável?

O golfe é um sector altamente sustentável a todos os níveis: ambiental, social e económico. Ao impacto económico e social, já referido, juntamos as questões ambientais, para as quais o sector tem vindo a desenvolver estratégias que contribuem para a redução da sua pegada no planeta. Em Portugal – com as recorrentes situações de seca – têm-se agudizado as críticas à utilização de água nos campos de golfe, pese embora haver uma nítida falta de noção daquilo que é a realidade. Podemos utilizar as perdas das redes de abastecimento público de água como exemplo. Por ano são desperdiçados 188 mil milhões de litros de água, que seriam suficientes para regar entre 400 a 500 campos.

Na última década os proprietários e gestores dos campos de golfe têm feito um trabalho assinalável no âmbito da requalificação das suas instalações com o objectivo de reduzir as necessidades hídricas e de productos químicos, tal como a redução das áreas relvadas, utilização de relvas de clima quente – que requerem menos água – e utilização de tecnologia de ponta nos sistemas de rega, onde cada milímetro de água é aplicado cirurgicamente.

Dito isto, é necessária uma intervenção profunda do Governo na definição de estratégias para a utilização de águas tratadas nos sectores que recorrem ao regadio, tal como o golfe e agricultura.

A aposta na dessalinização parece estar, finalmente, em cima da mesa para o Algarve, mas ainda há um largo caminho a percorrer nesta área, tanto na dessalinização como nas ETAR (Estações de Tratamento de Águas Residuais) e mesmo na tecnologia utilizada nos sistemas de regadio que utilizam reservas de água.

